Capítulo XIII — Tradições cristãs da América e da Oceania

> **Sumário.** Testemunho do célebre Las Casas. — Dos Agostinianos. — O sr. de Humboldt. — A festa do deus Vitzilipatzili. — Tradições das tribos oceânicas.

Ao testemunho tão explícito do venerável padre Leclercq vem juntar-se, em favor da evangelização apostólica da América do Norte, o fato seguinte, não menos significativo.

O célebre Las Casas, tendo desembarcado em 1552 na costa de Iucatã, quis atravessar esse reino para ir à diocese de Chiapa, da qual fora nomeado bispo. Em seu caminho encontrou um eclesiástico respeitável e de idade avançada, que falava muito bem a língua do país. Las Casas pediu a esse eclesiástico que penetrasse mais adiante no país de Iucatã e ali pregasse a fé.

Um ano depois, esse missionário escreveu ao bispo:

> *Tive várias conversas com um dos principais chefes do país sobre a crença da antiga religião desses povos. Esse Índio me assegurou que todos criam em Deus, Pai, Filho e Espírito Santo; que o Filho, nascido de uma virgem, morrera na cruz pela malícia dos homens, que o haviam coroado de espinhos, embora morresse para salvar os homens; que três dias depois voltara à vida e subira ao céu; que enviara o Espírito Santo à terra para ensinar aos homens tudo o que lhes importa saber para serem felizes.*

> *É verdade que o Índio dava nomes muito bárbaros às três pessoas divinas.*[1] *Assim, chamava à primeira pessoa Ycona; à segunda, Bacab; à terceira, Echuah. Acrescentava que essa doutrina lhes vinha de mão em mão, e da mais alta antiguidade, pela atenção dos anciãos que a haviam transmitido sucessivamente a seus descendentes.*

O douto historiador Torquemada cita como garantia desse fato uma apologia de dom Bartolomeu de Las Casas, que se encontra no convento de São Domingos, na Cidade do México.

O mesmo historiador refere em seguida duas ou três outras tradições semelhantes, sob a fé de três veneráveis missionários de sua ordem, chamados padre Diego de Mercado, padre Jerônimo de Mendieta e padre Francisco Gomez. Este último, vindo de Guatemala e passando por Guaxaca, visitou o convento dos dominicanos dessa cidade, onde lhe mostraram pinturas antiquíssimas, que haviam sido achadas no país e que representavam ao natural a crucificação, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo.

É bom saber que Iucatã é uma região de mais de trezentas léguas de circunferência. Eis, pois, um grande país que conservava, mais ou menos confusas, desde a mais alta antiguidade, verdadeiras tradições cristãs. De quem as recebera? A tradição nos responderá em breve.

A América do Sul oferece os mesmos vestígios de uma evangelização primitiva. Chegados ao Peru em 1555, os Agostinianos perguntaram aos sacerdotes indígenas que deuses adoravam; responderam:

> *Adoramos Ataguju, que criou todas as coisas, que fez o céu e a terra, que habita o céu; mas, vendo-se só, criou dois outros deuses que governam o mundo com ele, e os três não têm senão uma só vontade e não têm esposas. Esses dois segundos deuses chamam-se Sagad-Savra e Vaungabrad.*

> *Como sabeis isso?, perguntaram-lhes os religiosos. — Os pais o ensinam a seus filhos desde tempo imemorial:*

tal foi a resposta dos selvagens. Os mesmos religiosos acharam ainda uma estátua de pedra que, segundo eles, representava um apóstolo com a tonsura e a barba longa: coisa estranha entre os indígenas, quase todos imberbes, e que prova que esse missionário era um personagem estrangeiro. Os Peruanos tinham também uma espécie de batismo e até a confissão auricular.[2]

Além das crenças tradicionais que acabamos de referir e das práticas muito notáveis citadas pelo douto autor protestante, o sr. de Humboldt, há outros fatos não menos notáveis e não menos concludentes em favor da evangelização primitiva do continente americano.

O México tinha templos numerosos, onde viviam como religiosas uma multidão de moças que se consagravam à penitência. Seu modo de viver era tão austero que não há convento na Europa que dele se aproxime. Levantavam-se à noite e assistiam ao coro, como as nossas religiosas, às Matinas. Tinham o cuidado de varrer o templo e de mantê-lo limpo.

Faziam todos os dias pães que se apresentavam diante dos ídolos e dos quais só os sacerdotes tinham o direito de alimentar-se. Quanto a elas, só subsistiam de esmolas.

Mas desempenhavam grande papel numa festa solene que se celebrava todos os anos. Aqui, parece-nos impossível não ver, de um lado, a lembrança tradicional do mais augusto de nossos mistérios; e, de outro, a odiosa contrafação que o demônio dele fizera em proveito próprio.

> *A relação que tem essa festa, diz o autor dos Costumes dos selvagens americanos, com a santa Eucaristia mostra quanto o demônio cuidou, em todas as coisas, de que os idólatras lhe prestassem os mesmos deveres que só a Deus são devidos. Dois dias antes da festa, as moças consagradas no templo preparavam grande quantidade de farinha de milho tostado e pilado. Amassavam-na em água melada e formavam dela um ídolo do tamanho e da forma do ídolo de madeira adorado no templo. Preparavam também com a mesma farinha pequenos pães em forma de ossos humanos, que se chamam os ossos do Deus Vitzilipatzili.*

> *No dia da cerimônia, levava-se o ídolo de massa em procissão desde bem cedo, com pompa e magnificência. Na volta da procissão, punham-se no templo, onde fora trazido o ídolo, todos os pães feitos em forma de ossos. Depois de muitos sacrifícios de vítimas humanas; depois de muitos cantos e danças, todo o povo, que devia estar em jejum, desde as crianças da mais tenra idade até os mais idosos, ia revestir-se de suas mais ricas vestes, para dar mais brilho à festa.*

> *Durante esse tempo, os sacerdotes cortavam o ídolo em pedaços, bem como os pães feitos em forma de ossos, que eram tão sagrados quanto o próprio ídolo. Tendo voltado o povo, todos vinham apresentar-se na mesma fila, homens e mulheres, grandes e pequenos, ricos e pobres, e distribuíam-se-lhes esses pedaços, que cada um recebia com profundo respeito, dizendo: Como a carne e os ossos do Deus, e considero-me indigno de tão grande favor.*[3]

Nesse fato surpreendente há, parece-nos, mais que uma tradição evangélica: há uma grande lição para os cristãos.

Terminemos esta revista das tradições do Novo Mundo com alguns pormenores sobre as tribos dos numerosos arquipélagos recentemente descobertos: a Oceania, a Polinésia, a Malásia, a Micronésia, a Austrália. Por toda parte, os viajantes e os missionários encontraram vestígios das verdades primitivas, patrimônio comum da família humana e bases indispensáveis de toda sociedade.

Um douto médico da marinha, o doutor Gustavo M..., que durante quatro anos visitou esses arquipélagos e essas tribos, pouco tempo antes da descoberta de certo número deles, certificou-se disso por si mesmo. A mais degradada de todas essas tribos oceânicas, a mais feroz, a mais horrivelmente antropófaga, a da Nova Caledônia, não faz exceção. Eis, a seu respeito, as informações que o consciencioso explorador houve por bem comunicar-nos.

Tradições primitivas: A crença na existência de Deus. Quando, na floresta, o Neocaledônio ouve o vento norte assobiar de certa maneira, detém-se de súbito e diz: Eis o deus! Se lhe perguntam: qual é o teu deus? — Ai! responde: Não sei. Impossível obter outra resposta. A crença na imortalidade da alma, no céu e no inferno. À morte, o espírito deixa o corpo e vai por água a Bonavio, pequena ilha a certa distância da Nova Caledônia e de acesso muito difícil. Chegado a essa ilha, o espírito dirige-se à abertura de uma profunda caverna.

Depois de ter errado por muito tempo[4] por caminhos bem negros, bem tortuosos, chega por fim a um imenso subterrâneo, onde todos os espíritos estão reunidos, esperando o Deus. Há nesse lugar inhames quentes, excelentes; bananas cozidas, deliciosas; cocos etc.

Mas é expressamente proibido tocar nesses frutos.[5] Se se resiste à tentação, o Deus poderá mandar-vos de volta à terra.[6] Se, por desgraça, se sucumbe, não somente não se pode mais voltar à terra, mas o Deus, conforme esteja de bom ou de mau humor, vos matará de novo, para ressuscitar uma segunda vez, mas sem corpo, em estado de sombra; dali por diante já não podeis morrer. O Deus já não terá poder sobre vós.[7]

A crença na queda particular da mulher, causa de sua inferioridade e de seu aviltamento: *A muliere initium factum est peccati, et per illam omnes morimur*: *«Da mulher nasceu o princípio do pecado, e por ela é que todos morremos»* (Eclo 25, 33). O grande chefe é tratado como igual a Deus. Um homem do povo que passasse diante dele seria punido de morte. Deve passar por trás, e a mulher deve arrastar-se sobre as mãos e os joelhos.

A virgindade é muito honrada nesse povo tão profundamente degradado. Mais uma tradição sobre a Virgem que devia salvar o mundo.

A distinção entre o bem e o mal: o adultério é punido de morte.

Tradições bíblicas. O uso da circuncisão e, à morte de um homem casado, a obrigação de o irmão mais velho desposar a viúva, ainda que já tenha outra mulher.

Vários dias por mês a mulher é considerada impura.

Tradição cristã. O grande chefe, tido por um Deus, toma o nome de Teama e dá a seu filho mais velho o nome de Tea. Esse filho goza de uma prerrogativa sem exemplo na terra, mas não no céu. Seja qual for o seu pedido, o pai não pode recusá-lo; pode deter uma guerra, obter o perdão de um culpado e qualquer outra coisa. Não seria permitido ver nisso um reflexo do poder do Filho de Deus sobre seu Pai? Não está escrito que Nosso Senhor é sempre atendido, *exauditus pro sua reverentia* : *«foi atendido pela sua reverencia»* (Heb 5, 7)? Não diz ele mesmo a seu divino Pai: *«Eu pois bem sabía que tu sempre me ouves»* (Jo 11, 42)?

Seja como for, se a tribo mais degradada conserva essas tradições fundamentais, é natural concluir que elas devem encontrar-se mais numerosas e menos alteradas entre as tribos cuja queda foi menos profunda. Eis por que limitamos aqui as nossas pesquisas: o que precede basta ao fim que nos propusemos.[8]

Notas

[1] Prova de que não as aprendera recentemente de algum missionário.

[2] *Histoire générale des missions*, p. 519.

[3] T. I, p. 423.

[4] Não será uma lembrança alterada do Purgatório?

[5] O paraíso terrestre.

[6] A ressurreição.

[7] Nessa segunda morte, castigo de uma falta, nesse estado de sombra imortal, pode-se, sem grande dificuldade, decifrar o juízo final, a ressurreição para a morte, *resurrectionem judicii*, e a eternidade do suplício.

[8] As pessoas que quiserem conhecer as tradições das verdades primitivas e outras, conservadas em todos os povos, não poderiam fazer melhor que consultar a inestimável coleção dos *Annales de philosophie chrétienne*, redigidos com erudição de beneditino e consciência sem medo e sem censura pelo sr. A. Bonnetty.

Revision #1
Created 22 November 2026 15:19:35 by Admin
Updated 22 November 2026 15:33:55 by Admin